

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA - FACCAMP

A PASTORAL DA MULHER E A ASSOCIAÇÃO MARIA DE
MAGDALA
UMA INSTITUIÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA

JAQUELINE AP. DE SOUZA SOARES

Campo Limpo Paulista

Novembro de 2010

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA - FACCAMP

A PASTORAL DA MULHER E A ASSOCIAÇÃO MARIA DE
MAGDALA
UMA INSTITUIÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao curso de História da
Faculdade Campo Limpo Paulista –
FACCAMP como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciatura em
História.

Orientador: Profº Mestre Valter de
Oliveira

Campo Limpo Paulista

Novembro de 2010

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, que é o refúgio de todos os pecadores e que, ainda assim eu sendo, me ama com Amor Incondicional.

A toda Associação Maria de Magdala, que abriu as portas, sem medo, para que esse trabalho fosse realizado.

EPÍGRAFE

“Só ouve direito quem se liberta dos
preconceitos;
e só se liberta dos preconceitos quem é
capaz de restituir a palavra ao
silenciado”

Frei Antônio Moser

RESUMO

Este trabalho tem como **objetivo** pesquisar o trabalho desenvolvido pela Diocese de Jundiaí sob a ação da Pastoral da Mulher e a Associação Maria de Magdala em relação à questão da prostituição na cidade de Jundiaí e cidades circunvizinhas, através da reestruturação familiar e reinserção na sociedade. Especificamente procuramos investigar, se a ação pastoral realmente contribui para que as mulheres abandonem a prostituição e adotem outro tipo de vida, mais consoante com os ensinamentos cristãos. Para a realização desta pesquisa foram utilizadas bibliografias como referências sobre a questão da prostituição, visitas à sede do movimento pesquisado, entrevistas com pessoas que já vivenciaram a prostituição e voluntários que procuram ajudá-las. O resultado mostra que o trabalho realizado pela Instituição realmente pode ser considerado como uma ajuda de valor inestimável para muitas mulheres que desejam sair desta vida e que não raras vezes encontram-se totalmente sem apoio na sociedade e buscam uma reinserção na vida social de maneira digna, a partir da reestruturação e reconhecimento de si mesma como pessoa. Mostra também a importância de instituições e pessoas realmente engajadas nessa atividade de inclusão social e seus resultados favoráveis quando há interesse por parte das mulheres que buscam essa reintegração.

PALAVRAS-CHAVE: prostituição, Magdala, degradação, inclusão, Pastoral.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 - A questão da prostituição.....	8
1.1- A prostituição em Jundiaí.....	9
1.2 - Os exploradores.....	10
1.3 - A degradação social.....	10
Capítulo 2 – A Igreja e a prostituição.....	13
Capítulo 3 – A criação da Pastoral.....	15
3.1 - Cronologia.....	16
3.2 - A inclusão e valorização da mulher.....	17
Conclusão.....	22
Referências Bibliográficas.....	24
Anexos.....	25

INTRODUÇÃO

Tratar a questão da prostituição somente como um problema social é ignorar seu contexto histórico, seja ela dentro do seio familiar, na sociedade ou na religião. Muitas pessoas arriscam-se em dizer que se trata de uma profissão; outros, que não há como sair desta vida, que é uma vida fácil. Mas é necessário ver essa questão um pouco mais a fundo no que diz respeito àquelas que ali estão não por uma escolha própria, mas como uma consequência de sua história de vida, mas que querem reverter essa situação de exclusão. Não será tratada neste estudo somente a questão da prostituição, mas a história da Associação Maria de Magdala e se realmente esta associação vem atingindo seus objetivos, que entre eles está o apoio contra a exclusão, a inserção das mulheres na vida social de onde muitas vezes são excluídas e de como esse movimento social interfere na vida das pessoas que por ele passam, sem jamais olhar somente com um cunho religioso.

O objeto principal do estudo está na seguinte questão: na Diocese de Jundiaí - A Pastoral da Mulher e a Associação Maria e Magdala realmente têm contribuído para a reestruturação familiar contra a exploração e a prostituição?

Neste estudo não serão abordadas as questões das opiniões daqueles que consideram que a prostituição é uma profissão como outra qualquer e que, inclusive, deve ser legalizada e regulamentada. Nosso trabalho analisa a questão a partir dos princípios e da lógica das próprias instituições estudadas, portanto, do ponto de vista da doutrina social da Igreja. (Este é outro aspecto que não será necessário o aprofundamento nesta pesquisa).

Para essa pesquisa, serão referências bibliográficas sobre a questão social da prostituição, entrevistas com mulheres que se prostituíam e já não o fazem mais, de pessoas que trabalham há muito tempo na Associação e que conhecem a realidade das mulheres. Entrevistas também serão utilizadas para revelar como era e como foi que pessoas saíram de uma situação de degradação e conseguiram dar uma reviravolta em suas vidas, recuperando a dignidade perdida nos anos entregues à prostituição (sic).

1 - A QUESTÃO DA PROSTITUIÇÃO

Ao pensarmos em prostituição, é comum que o julgamento imposto pela sociedade seja o primeiro a vir ao nosso pensamento, como uma escolha que a própria pessoa faz, sem levar em conta condicionantes sociais. Na verdade a prostituição é parte de um processo que muitas vezes começa na própria infância da pessoa devido a diversas circunstâncias negativas. Tudo isso dentro de um contexto maior relativo, muitas vezes, à própria conjuntura – e até estrutura social.

Os grandes centros urbanos são altamente excludentes com pessoas de baixa renda, pois as mesmas, por não poderem manter um padrão médio de vida, são então encurraladas nas grandes periferias urbanas. A solução então foi dirigirem-se para a periferia da cidade, formando assim um núcleo de submoradias e mão-de-obra barata.

O trabalho dignifica o homem e ele tem a necessidade de satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, moradia e vestuário a partir do seu próprio trabalho. Um ser humano sem trabalho pode ficar à margem da sociedade. E assim, pode ficar exposto a muitos problemas, entre eles a prostituição. Não há dúvida que muitos se prostituíram e se prostituem ao procurar meios de sobreviver.

Ao afirmar isso não queremos dizer que a opção pela prostituição (e outras formas de vida tidas como marginais) seja uma regra para todos aqueles que residem nestas regiões ou nas partes centrais degradadas das cidades. De qualquer modo as más condições de vida podem levar, sem dúvida, à venda do corpo como meio de subsistência.

Também não podemos dizer que não há prostituição em camadas sociais mais altas, mas é outro tipo de prostituição: a chamada prostituição de luxo. É outro nível, com outros clientes, que na maioria das vezes pagam pequenas fortunas para obter o programa, diferentemente da prostituição em camadas mais baixas, onde percebemos que a mulher se prostitui para sobrevivência (relação de subsistência) e o faz não por um querer, mas pela real necessidade do dinheiro que proporcionará as necessidades básicas que necessita como alimentação e vestuário.

1.1 - A PROSTITUIÇÃO EM JUNDIAÍ

A cidade de Jundiaí já tinha um histórico de prostituição desde o início do século XX. Nas primeiras décadas de 1900 já havia mulheres que ofereciam seus corpos – em espaços confinados, em troca de favores ou dinheiro. Esse número, contudo, tornou-se maior a partir da migração, com a vinda de mais pessoas em busca de trabalho e instalando-se nas periferias da cidade, pela falta de condições de se manterem nos grandes centros urbanos.

A partir da metade do século passado Jundiaí passou a ter uma grande expansão industrial. As propostas de trabalhos e a remuneração oferecida não garantiam às pessoas condições dignas de moradia e a necessidade de recursos obrigou os pais a deixar crianças e adolescentes sozinhos e expostas aos cuidados de si próprias ou de outros, que dificilmente são capazes de suprir a ausência de bons pais (a realidade social nos mostra que tem aumentado o número de pais mal preparados para o casamento e para o cuidado dos filhos). Isso contribuiu mais ainda para desestruturar a família.

Essa desestruturação causa um forte impacto nos jovens que, sem um apoio familiar, vejam-se sem um horizonte, um futuro. Muitas delas, inclusive, são subjugadas dentro do próprio seio familiar, expostas à violência diversas. Violência que não se limita às meninas, mas também às mulheres adultas, inclusive casadas.

Neste momento há a principal causa da entrada destas mulheres na vida de prostituição: a violência sexual infanto-juvenil, acompanhada pela miséria ligada à promiscuidade sexual e pela dependência química, que predispõe as mulheres à situação de prostituição. Relatos sobre questões de violência familiar e de terceiros não são raras e são uma das principais reclamações que as prostitutas fazem e que as levam para esta vida.

Até alguns anos atrás era o homem que era considerado o “chefe” família, o principal responsável e mantenedor de seu lar. A mulher ficava em segundo plano, cuidando do lar e dos filhos, com seus afazeres domésticos, como uma auxiliar da ação masculina. Só que a realidade da sociedade fez com que a mulher saísse desse segundo plano e começasse a enfrentar a vida por si só. Os divórcios e os casos de viuvez contribuíram para que a mulher saísse da condição de pessoa assistida para aquela que dá o apoio e sustentação familiar, tendo

que deixar seu lar, seus filhos e a situação que se encontrava para buscar um modo de manter-se e manter sua família.

Aqui entra um grande problema: muitas dessas mulheres não possuíam qualificação para um mercado de trabalho, porque viveram sempre escondidas. Quando necessitam lutar por sua sobrevivência, descobrem-se desamparadas e sem um grau de instrução que as permita entrar no mercado de trabalho: “(...) a escolarização a socialização e a absorção pelo mercado de trabalho ainda são muito diferentes para o homem e para a mulher”. (BARRUEL,1985. p.10).

Sem terem como sustentar-se a si mesmas e aos que dela dependem, buscam na prostituição uma forma de renda para subsistência.

1.2 - OS EXPLORADORES

Entre outras atividades, existem muitos que, aproveitando-se desta situação de pobreza e necessidade de sobrevivência, ganham dinheiro à custa dessas garotas e mulheres.

Sempre houve os aproveitadores locais. Hoje o submundo, em muitos lugares, está ligado ao crime organizado, que tem um dos maiores “PIBS” do mundo. Graças a esse submundo, a situação de muitas mulheres – e hoje também cresce a prostituição masculina - multiplica-se as boates noturnas que vivem às custas destas mulheres, Essa situação soma-se às anteriores e multiplicam-se as boates noturnas que vivem às custas destas mulheres, muitas delas arregimentadas em outros Estados, principalmente do Norte e Nordeste. Isso quando não são aliciadas por agentes internacionais que as expatriam para diferentes partes do mundo.

Quando não mais proporcionam lucros a seus aliciadores, são colocadas na rua sem direito algum. Passam da prostituição em um lugar fechado para a rua, à espera de seus “fregueses”.

Mulheres de cidades próximas e municípios vizinhos também são aliciadas para esses propósitos quando, nos períodos em que os assalariados costumam receber seus vencimentos. Não fazem sua moradia na cidade, mas estão sempre nela.

1.3 - A DEGRADAÇÃO SOCIAL

Quando o tema aborda a questão sexual, há muitas discussões que envolvem diretamente a condição da mulher, sendo um tema abordado tanto na mídia escrita como na televisiva, em que se discute se há realmente uma igualdade entre homem e mulher.

Mas atualmente as coisas tem andando para um pé de igualdade por causa da luta que a mulher tem feito e as batalhas pela igualdade entre os sexos. Mas antigamente, a mulher era tida como a provocadora da perdição masculina e ao mesmo tempo a culpada por essa perdição. O homem até poderia ser tido como culpado por alguns de seus atos, mas na maioria das vezes a mulher que era tida como infratora. (CHAUVIN. 1987. p.11).

Isso causa um aviltamento muito grande às mulheres, pois as reduzem a uma condição inferior muito grande e isso se agrava quando a questão é a prostituição.

A mulher, aproximadamente após 10 anos de uma situação prostituição, entra em um estado de decadência na atividade. Isso faz com que ela se entregue a um estado depressivo, que muitas vezes a leva a apresentar problemas mentais ou mesmo as leva ao suicídio como forma de “fuga” dos problemas, uma vez que ela torna-se como um objeto descartado pela sociedade. Já não fora um exemplo social fora excluída do seio familiar e depois também fora excluída do meio que muitas vezes foi o único que ela pode conviver.

Por causa dos vários fatores já apresentados, a maioria das meninas é iniciada na mercantilização por volta dos 14 anos de idade, e antes mesmo de chegar aos 30 anos, já se encontram em situação de total declínio de suas vidas. BARRUEL(1987).

Há também a questão do tráfico interno de mulheres. Elas são aliciadas em outras regiões do país, com falsas propostas de uma vida de trabalho digna, ou mesmo para dançar em boates e, ao chegarem ao seu destino, são entregues à sua própria sorte. Como não tem ninguém por elas, procuram meios alternativos de sobrevivência, caindo nas malhas da prostituição. Também muitos pais colaboram para esta questão, aliciando suas filhas para a prostituição, não sabendo a dimensão do mal que estão causando a essas meninas.

Outro fator agravante é a questão das drogas que não escapa deste meio. Segundo as entrevistas colhidas, antigamente as mulheres não faziam uso de outras drogas além da bebida. Mas atualmente, a maior parte das adolescentes e mulheres que estão no meio da

prostituição lá está para conseguirem subsídios para o uso de substâncias entorpecentes, principalmente a cocaína.

Os relatos colhidos apontam, também, que o uso destas substâncias é feita para que a mulher possa “aguentar” as barbaridades a que são submetidas nesta vida de prostituição. As drogas, em geral, começam a fazer parte do dia a dia da pessoa, que não raro leva também para suas casas (quando assim possuem) essas substâncias, e logo a família conhece também essa realidade.

Temos também que mencionar que muitas dessas mulheres sequer tem alguém por si. Vem de outros Estados, de outras localidades e aqui se estabelecem sem ninguém por perto, para um auxílio quando necessário. Sem terem parentes por perto, submetem-se às condições já apresentadas, juntando-se com outras na mesma situação, o mesmo com um companheiro, pelo simples fato de não querer permanecer sozinhas.

O problema é que essas mulheres não permanecem sozinhas. Logo engravidam e levam consigo os seus filhos, que passam a fazer parte dessa deplorável realidade social. É começando como que um círculo vicioso.

Comumente também, os filhos dessas mulheres (entenda-se também as adolescentes), são criados sem a figura paterna, com a avó ou outra pessoa que as cuida, mas que também não oferece uma qualidade de vida, criando-os assim no submundo. Inclusive, há pesquisas sociológicas que mostram que em famílias com pais ausentes há mais frequência de prostituição e criminalidade.

2 - A IGREJA E A QUESTÃO DA PROSTITUIÇÃO

A Igreja é a favor da inclusão e jamais determina a exclusão de qualquer pessoa. Assim como Jesus, segundo a Bíblia Sagrada, tinha um contato muito amoroso com os pecadores e as prostitutas. Ele as acolhia e reabilitava, tirando-as de uma situação de desprezo, e anunciando-lhes a Boa Nova do reino celeste. Por este motivo, procura a reinserção dessas mulheres na sociedade: “O novo no pensamento da Igreja é afirmar que a infâmia na qual vive a prostituta não é definitiva” (CHAUVIN, 1987, p.50)

Por isso, considera ações de melhoria para que, dentro de uma doutrina cristã, as mulheres que sintam a necessidade de uma mudança em seu comportamento, possam sentir-se acolhidas.

Para a Igreja, segundo a Bíblia Sagrada, vários episódios envolvem o Cristo em conversas com prostitutas, como no Evangelho de São Lucas 7, 36-49 ou São João 8, 1-11, em que a misericórdia é manifestada e não a condenação. Os homens que também estavam com a pecadora que Jesus perdoou são intimados a declarar publicamente que não possuem pecados, mas um a um se retiram. Fica então a presença da miserável e da Misericórdia, que propõe um novo modo de viver: não tornar a cair no pecado novamente. A condenação se aplica ao pecado e não à mulher, que é acolhida.

Segundo CHAUVIN (1987) por muitos anos essa questão foi discutida por vários estudiosos, como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e Santo Afonso de Ligório, com várias linhas de pensamento sobre o assunto, mas várias questões eram envolvidas, desde quem cometia o ato de prostituição até o que pagava para ter um momento com as mulheres.

Hoje em dia não é diferente, porque muitos que fazem a condenação são os mesmo que procuram essas mulheres para o ato. Mas ainda assim a Igreja, como Mãe Acolhedora, não rejeita nenhum deles. Só pede que saiam de qualquer questão que seja contrária aos ensinamentos do Santo Evangelho, que é a base da doutrina cristã.

Conforme ANDRADE (2000), aqui entra a questão verdadeira da misericórdia, que nada mais é que a reação diante do sofrimento alheio para erradicá-lo. E para praticar a misericórdia proposta, deve-se estar em contato direto com aqueles que dela necessitam. As pastorais que cuidam dessas mulheres seguem este princípio, pondo a Igreja fora de si mesma e exatamente

onde acontece o sofrimento humano, assemelhando-se a Jesus e cumprindo seus ensinamentos, oferecendo aos pobres a esperança do Reino de Deus.

3 - A CRIAÇÃO DA PASTORAL

A Diocese de Jundiáí, dentro deste contexto que a Igreja anuncia, oferece um trabalho que é o objeto deste estudo, que não é somente um trabalho social como pode parecer, mas é uma fonte de um estudo histórico sobre a questão da prostituição na região de Jundiáí, uma vez que a Pastoral é um projeto da Diocese e a Associação Maria de Magdala é parte deste projeto.

Quando falamos em pastoral, a palavra remete à palavra pastor, aquele que pastoreia, aquele que conduz. Para o Bispo Diocesano falecido em 2006, Dom Amaury Castanho, “A Pastoral da Mulher deve ser evangelizadora e libertadora, planejada e permanente, levando as mulheres prostituídas ao encontro consigo mesmas e com a própria dignidade explorada. Encontro com a Sociedade, com Deus e a Igreja.” (Anuário da Pastoral, 1997). Para Dom Roberto Pinarello de Almeida, também já falecido em 2002, “é a pastoral da paciência, da espera, do sorriso, da mão que se estende e que oferece. É a pastoral da fé e esperança nas energias escondidas dentro de um coração machucado e de uma vida crucificada. É a pastoral da inconformação diante das injustiças e da pior das escravidões, aquela que escravizando o corpo escraviza o espírito” (Anuário da Pastoral, 1997). Lembra que Jesus disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados... Tua fé te salvou. Vai em paz!” (Lc 7, 48).” (idem).

Dom Joaquim Justino Carreira, que na época era Monsenhor e foi o primeiro padre na Diocese a trabalhar com as mulheres prostituídas, diz que é necessário aprender com Cristo, o Bom Pastor, acolhendo e mesmo indo atrás da ovelha que está perdida, sozinha, que se sente desprezada, julgada, explorada, evitando julgamentos e amando, ou seja, fazendo o que é necessário para que todos se encontrem com a dignidade que só nos vem da parte de Deus. No Anuário da Pastoral da Mulher (1997), diz: “Estejamos conscientes do quanto Deus nos ama e se, ao socorrermos a ovelha perdida e a colocarmos nos ombros, ela, sem entender, se rebelar e fizer escorrer sobre nós seus excrementos ou o pus de suas feridas, não desistamos e nem nos assustemos, pois o Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas; o Bom Pastor preocupa-se com o bem das ovelhas e o mau pastor preocupa-se com o seu próprio bem”, diz ele. Enfatiza também que o trabalho realizado com essas mulheres é um testemunho de amor ao Mestre e amor fraterno, que liberta do apedrejamento moral as criaturas entregues à desventura de sua própria história.

3.1 - CRONOLOGIA

As várias etapas da pastoral da diocese foram as seguintes:

12/10/1982 – Envio, por Dom Roberto Pinarello de Almeida, Bispo Diocesano de Jundiá para implantação da Pastoral da Mulher na Diocese.

1982 a 1987 – Contato com adolescentes e mulheres prostituídas e ex-prostituídas na Diocese e conhecimento do trabalho em outras Dioceses, sob orientação do Frei Jean Pierre Barruel.

1988 – Início das reuniões na sala azul da Catedral Nossa Senhora do Desterro.

1995 – Fundação da Associação “Maria de Magdala”, pela Pastoral da Mulher, para o trabalho de promoção social.

1996 – Dom Amaury Castanho assume a Diocese de Jundiá e dá continuidade ao trabalho da Pastoral da Mulher.

2004 – Dom Gil Antônio Moreira assume a Diocese de Jundiá e, de imediato, visita os agentes e as assistidas e apóia e incentiva as ações.

2007 – Dentro do Projeto Diocesano de Evangelização, implantado por Dom Gil Antônio na Diocese, a Pastoral da Mulher, em seus 25 anos de caminhada, propõe-se a ampliar suas atividades com atendimento aos familiares das assistidas: crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência.

Dentro de toda essa proposta de inclusão, a Pastoral vem tendo uma atuação efetiva desde os anos de 1982, auxiliando muitas dessas mulheres marginalizadas, com visitas as suas casas, aos hospitais quando as mesmas se encontram enfermas, com o auxílio com medicamentos, roupas e alimentos, inclusive com materiais escolares para seus filhos.

Como podemos ver na cronologia a Pastoral da Mulher, na Diocese de Jundiá, surgiu de um desejo do então Bispo Diocesano Dom Roberto Pinarello de Almeida, já falecido, em uma conversa Maria Cristina de Andrade Castilho, após ver como estava a questão da degradação social de muitas mulheres, que se punham a esperar seus “fregueses” na região central da

cidade de Jundiaí. Era necessária a atuação da Igreja para ajudá-las a sair de uma situação total de miséria, tanto sócioeconômica, quanto moral.

A Associação Maria de Magdala foi criada em 1995, a partir do trabalho da Pastoral da Mulher da Diocese de Jundiaí - que teve início em 1982 - com o propósito de trabalhar a integração social das assistidas, seus filhos e netos, e ainda estabelecer canais de diálogo com a sociedade sobre o assunto, buscando a superação dos preconceitos e a solidariedade. É necessário, ainda, manter a discussão sobre a psicologia da sexualidade e a relação da prostituição com a mídia e suas implicações extremamente profundas. A maioria das prostituídas tem história de abuso sexual.

O público alvo dessa Associação são mulheres empobrecidas, em situação de prostituição, que são vistas com um enorme preconceito e tratadas com hipocrisia; mulheres com baixa escolaridade e sem preparação alguma para se inserir no mercado de trabalho. Também visa o acompanhamento das famílias destas mulheres, que necessitam do apoio para que o trabalho proposto dê resultados positivos.

No começo da realização do trabalho da Associação Maria de Magdala, foram propostas reuniões para que houvesse um melhor acompanhamento para o FORTALECIMENTO dessas mulheres, que estavam à margem da sociedade. Atualmente, a idéia original continua, mas está acompanhada de muitas outras ações que enriquecem este projeto.

3.2 - A INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO DA MULHER

Para que haja realmente um processo de inclusão da mulher na sociedade, são necessárias algumas ações positivas que a façam querer abandonar essa situação de prostituição e procurarem uma vida que realmente as dignifique.

Para muitos, a prostituição é um trabalho como outro qualquer, não havendo nada de errado nele. Tal postura é aceita por certos tipos de liberais, por marxistas e por amplos setores do movimento feminista. Tal acontece quando filosoficamente aceitam um ponto comum: a

plena autonomia do ser humano. Quem defende tal ponto de vista apóia a regulamentação da atividade pelo Estado.

Mas essa questão não será discutida nesse estudo, uma vez que o objetivo do mesmo é a apresentação da proposta da Associação estudada e a partir dos valores que a mesma acredita.

Há muitas pessoas que se preocupam com esta situação de degradação social, exploração e miséria que faz com que a mulher caia nas malhas da prostituição.

Muitas Associações beneficentes tem em seu plano de trabalho ações afirmativas que levam as mulheres a se reinserirem na sociedade, seja pela prática de atividades físicas, esportes, pela culinária, artesanatos que elas podem até comercializar para obter lucro e poderem usufruir os mesmos e pela formação acadêmica que é um dos principais caminhos contra a ignorância que as leva a aceitar as situações que se encontram. Diz Foracchi: “A educação envolve inevitavelmente a intenção de modificar, de agir sobre a realidade modelando o comportamento de seus agentes, que são os seres humanos.” (FORACCHI, 1982, p.147).

Isso é extremamente importante para que a sociedade em geral e aqueles que nada fazem a esse respeito, bem como ao Poder Público. Afinal, muitas dessas condições de prostituição não são somente frutos do querer da mulher, mas um problema social a ser discutido.

É nesse aspecto que a questão vem à tona: em que a Pastoral da Mulher e a Associação Maria de Magdala ajudam a compreender essa condição social e histórica da mulher prostituída? No que pode ajudá-la a não mais aceitar esta condição?

O principal motivo deste trabalho realmente foi o de analisar a Pastoral da Mulher e a Associação Maria de Magdala como um divisor de águas na questão da prostituição na Diocese de Jundiáí.

As entrevistas que foram colhidas com mulheres que estiveram nesta situação mostram claramente como era e como é a realidade atual das mesmas, e emociona quando a pergunta “Você acha que a Associação Maria de Magdala realmente ajudou na reestruturação de sua família?” é feita e a resposta é “Com certeza!!!”. (Teresa Bueno, ajudante geral).

Essa afirmação é feita de forma tão sincera e com um brilho nos olhos que realmente aponta que o trabalho feito pela Associação tem dado os resultados esperados.

Vejamos como podemos considerar a ajuda desta Associação no processo de fortalecimento das mulheres que se encontram nessa situação de prostituição.

Em primeiro lugar, a Associação não quer tirar a mulher dessa situação de prostituição pelo simples fato de ser ligada à Igreja Católica, uma vez que a Igreja é totalmente contrária á essa situação de marginalidade.

A Associação é também contrária a essa situação de marginalidade e tem um objetivo mais amplo e específico, num termo muito comumente usado entre as assistidas, o FORTALECIMENTO.

Esse fortalecimento é parte dos objetivos da Associação, que faz com que as mulheres sintam-se valorizadas e descubram-se como pessoa. Quando ela adquire uma autoconfiança, se sente valorizada e vê outros meios que não a prostituição para ir além, ela começa a repensar sua vida e não raro, depois de convidada, aceita participar das reuniões, vendo uma saída para sua vida.

Consta no projeto de criação da Associação uma necessidade de um fortalecimento, como a própria coordenação chama, ou seja, é uma maneira de mostrar que essa realidade não é uma vontade de Deus, segundo a Bíblia Sagrada, e nem uma situação que dignifique a mulher como um ser racional, pensante e membro atuante de uma sociedade em crescimento.

Um ato que a Associação realiza, e que requer muita coragem pelo fato de não ser bem vista aos olhos da sociedade é a abordagem das mulheres, seja na praça onde elas ficam a espera dos clientes, ou mesmo passando as informações nas reuniões semanais, realizadas às quartas-feiras, na Catedral Nossa Senhora do Desterro, na cidade de Jundiaí, com o atendimento de aproximadamente 75 mulheres permanentemente e acompanhamento de 70 crianças e adolescentes durante seus trabalhos semanais, segundo as expectativas do Plano de Metas 2010, em anexo.

Essas reuniões acontecem para que a mulher reconheça seu valor, diante de si e dos outros, e veja que não está sozinha nesta condição marginal. Muitas outras mulheres passam também

pelos mesmos desafios e juntas conseguem fortalecer, umas às outras, formando como que uma “corrente”, que é difícil de romper.

Quando há um interesse verdadeiro por parte dessas mulheres, o trabalho que é realizado não se restringe apenas a si mesmas, mas é estendido a seus familiares, que necessitam também de um apoio e uma certeza de mudança na vida, uma vez que para se mudar o apoio é fundamental. É necessário que haja um horizonte a ser buscado, mas pela condição de degradação é difícil enxergar esse horizonte.

O apoio que a Associação oferece, neste caso, é fundamental para que todas essas pessoas envolvidas neste processo sintam-se incluídas. Não há que se ter vergonha da condição que estavam, mas sim a vontade de buscar um algo melhor, uma condição melhor para todos.

Em princípio, há o convite para a participação das mulheres nas reuniões. Depois são apresentadas a elas as propostas de uma vida mais digna, sem que elas deixem de ter um meio para sua subsistência e de sua família, o que na maioria das vezes é sua maior preocupação.

Os trabalhos que são realizados agem de forma totalmente inclusiva, uma vez que valorizam a transformação pessoal e o trabalho que essas mulheres irão realizar. Os dados apresentados em anexo dão a afirmação que o trabalho proposto realmente tem surtido os resultados esperados e que a credibilidade da Instituição é grande.

O apoio que a Instituição recebe de parceiros, voluntários e da própria Igreja revela que a tendência é cada vez mais assistir mais pessoas, que acreditam que o melhor caminho a ser seguido realmente não está na prostituição, mas na vida comum, de um trabalho digno, bem visto pela sociedade.

Essa afirmação é tão verdadeira, que as próprias mulheres assistidas, quando se encontram fora desta situação degradante, passam a integrar o quadro de voluntárias e funcionárias, tanto que acreditam que esse trabalho realmente dá certo.

Os dados dos quadros em anexo nos dão uma visão mais ampla e concreta dos trabalhos realizados pela Instituição. Apontam que a entidade, em 2009, atendeu 89 mulheres, entre as fixas que frequentam com periodicidade as reuniões e as que frequentam esporadicamente.

Mostra também o número de crianças e adolescentes assistidos, que chega a 54. O Plano de Metas 2010 espera muito mais para estes atendimentos.

São apresentados vários eventos realizados, que visa, além de incluir os participantes do projeto, angariar fundos para a continuidade dos trabalhos. Não há um trabalho simplesmente social, mas tudo é realmente baseado nos princípios da doutrina cristã, partindo sempre da base do Evangelho.

Os cursos oferecidos em que as mulheres podem realmente participar são realmente de grande serventia, pois, segundo o quadro anexo, a realização dos mesmos promove uma inclusão para inclusive oferecer seus trabalhos e serviços para a sociedade.

Um dado interessante que os quadros anexos revelam é o diagnóstico que as crianças e adolescentes assistidos tem das dificuldades que encontram sem seu dia a dia, não ficando sem o apoio necessário. É sempre buscada uma solução, com o apoio dos voluntários que se dedicam à entidade. Nunca é trabalhada somente a mulher, mas todo o seu círculo social é envolvido neste processo de fortalecimento.

Isso faz com que haja uma verdadeira consciência do trabalho realizado, com uma seriedade muito grande. Os relatórios e metas pré-estabelecidas indicam isto: um trabalho muito bem embasado, bem estabelecido, com ajuda de várias vertentes e com a participação de pessoas realmente comprometidas com o objetivo principal da Associação: a inclusão e valorização da mulher.

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa feita, podemos concluir que a questão da prostituição não pode ser somente tratada como um problema social, mas devemos considerar realmente que outros fatores que envolvem esta questão, como relações sócio-econômicas e familiares, e que não raro, começam na infância.

Na região de Jundiaí, segundo este estudo, não foi diferente: a grande procura por condições de trabalho nas grandes cidades fez com que as periferias se enchessem de gente. A ausência dos pais – que trabalham distante – e o abandono dos filhos, como vimos no início do trabalho, contribuíram para provocar uma estrutura familiar inadequada.

Essa desestruturação familiar é um dos fatores que influenciam, de maneira direta, a entrada destas mulheres na prostituição: a ausência dos pais, violência sexual infantojuvenil, miséria ligada à promiscuidade sexual e, concomitantemente, a dependência química.

As famílias que sofrem com esta questão, segundo este estudo, são aquelas que tem a mulher como a chefe da família, que não possuem qualificação adequada para o mercado de trabalho, mas que precisam buscar uma fonte de renda para manter-se a si mesmas e a sua família.

Então se encontram, muitas vezes, sem um horizonte a seguir e caem nas malhas da prostituição, sendo exploradas por aqueles que se aproveitam de sua condição de necessidade e fragilidade. Essa fragilidade só aumenta com o passar do tempo, segundo BARRUEL (1987), pois a mulher chega a um declínio em menos de 10 anos de atuação na prostituição, e antes dos 30 anos já pode se considerar fora do mercado.

Todo esse processo faz com que a mulher seja excluída da sociedade, sofrendo preconceitos e sendo marginalizada. E poucas instituições se preocupam com essa questão de maneira a reinseri-la de maneira efetiva na sociedade.

O trabalho que a Igreja Católica Apostólica Romana realiza pela ação da Pastoral da Mulher e a Associação Maria de Magdala vem de encontro a essa situação de degradação e age de

maneira a mostrar outro caminho que não a prostituição para se ter uma maneira de sobrevivência.

A pesquisa, através das entrevistas realizadas, mostra que as mulheres que frequentam a Instituição o fazem porque querem, e que se sentem acolhidas e apoiadas para saírem da prostituição. Com isso realmente têm suas histórias de vida mudadas, virando uma referência para aquelas que ainda estão na situação que se encontravam.

Pelos dados levantados, vemos que, somente nos anos de 2009, foram atendidas 89 mulheres e que, pelo menos 54 de seus familiares foram também atendidos pela Associação.

A Associação proporciona não somente uma ajuda espiritual, mas também material e educacional para aquelas que frequentam as reuniões, e que também proporcionam condições para que elas possam entrar no mercado de trabalho, qualificando de maneira efetiva as assistidas.

O principal objetivo da Associação realmente vem sendo atingido, que é a valorização da mulher como ser participante da sociedade, tirando-as das malhas da prostituição e buscando sua inserção social, mostrando caminhos para que não mais voltem à esta condição degradante e excludente.

Sem a ajuda e o apoio da Associação Maria de Magdala, muitas delas não teriam realmente uma ajuda diferenciada, pois as ações que a Associação realiza realmente produzem resultados, conforme entrevistas em anexo. E o diferencial é que faz com que a Associação se destaque regionalmente como um trabalho a ser copiado, seguido e incentivado, comprovados pela eficácia dos trabalhos desenvolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS da Pastoral da Mulher – Diocese de Jundiaí. 1997

BARRUEL, J.P. **O lenocínio e a prostituição na América**. Jundiaí, 1985

CAMPANHOLE, Adriano; SANTOS, Vanderlei dos; GICOVATE, Moisés. **Aditamentos à História da fundação de Jundiaí**. Fohat Lux: São Paulo 1994.

CHAUVIN, Charles. **Os cristãos e a prostituição**. Vozes: Rio de Janeiro, 1987

Diocese de Jundiaí. **Anuário/ Estatutos 1999-2000**. Uma Igreja Viva Rumo ao Novo Milênio.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A participação social dos excluídos**. Hucitec: São Paulo, 1982.

LUZ, Madel T.(organização de). **O Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Graal: Rio de Janeiro, 1982.

ANDRADE. M. C. C. Mulheres Prostituídas. Apresenta panorama sobre a questão da prostituição no Brasil. Disponível em <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/cris1.htm>>. Acesso em: 28 out.2010

PEREIRA, Armando. *et. al.* **A prostituição é necessária?** Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. **Memória da morte, memória da exclusão**. Letras e Letras: São Paulo, 1993

ANEXOS

I - ENTREVISTAS

ENTREVISTA REALIZADA COM EX-PROSTITUTA

- 1- NOME, IDADE, PROFISSÃO, ONDE MORA
Efigênia Barbosa da Silva, 65 anos, ajudante geral. Vila Popular, Várzea Paulista.
- 2- COMO ERA A VIDA FAMILIAR QUANDO CRIANÇA?
Eu não tenho muitas recordações de quando eu era criança, porque faz muito tempo e eu morava na roça. Não tive muita infância.
- 3- COMO FOI QUE ENTROU NESTA VIDA?
Ah, essa vida... Acredito que eu tinha que experimentar um pouco do que era isso... Foi meio por acaso... Eu trabalhava, sempre trabalhei, de domingo a domingo. Nunca considerei isso exatamente como um trabalho. Era um tempo livre que eu tinha e não era de noite, era sempre de dia. Nunca fui muito de zoeira, de bagunça. Eu na aprendi a beber. Odeio cerveja! E também nunca matei dia de serviço para fazer programa.
- 4- QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENCONTROU?
Olha, eu via sempre se “dava” eu ir... Se eu achasse que não devia ir eu não ia. Se fosse malcriado também não ia. Eu escolhia os que eu ia... Então não achava muita dificuldade por causa do modo que eu fazia os programas...
- 5- EM QUE LOCAL “TRABALHAVA”? ERA PARA SI QUE TRABALHAVA OU TRABALHAVA EM CASAS?
Não, não. Eu sempre fazia os programas, mas era para mim mesma... Nunca trabalhei em casa nenhuma e nunca me envolvi com pessoas ligadas a isso. E nunca saía de carro e com pessoas com cara de mau elemento.
- 6- COMO ERA FEITO O PAGAMENTO DO PROGRAMA? QUANTO SE COBRAVA?
Era em dinheiro. Acredita que às vezes, dependendo da situação, eu nem cobrava?
- 7- COMO SE SENTIA APÓS FAZER O PROGRAMA?
Sentia-me normal... Não achava que era errado o que eu estava fazendo. Não considero isso uma profissão, me sentia apenas mulher.
- 8- COMO CONHECEU A PASTORAL DA MULHER E A ASSOCIAÇÃO?

E conheci a Neusa quando eu ficava lá na Praça do Fórum (centro de Jundiá) e ela me disse: “Olha porque você não vai lá na Associação? Tem muita coisa boa lá.” Foi muito bom conhecer tudo o que a Associação podia me oferecer.

9- COMO SE SENTIA NO INÍCIO, AO CHEGAR À ASSOCIAÇÃO?

Me senti como ainda me sinto hoje, muito bem, muito acolhida e normal, sem discriminação.

10- QUANDO SE RECONHECEU COMO PESSOA?

A partir do momento das reuniões em que as palavras eram faladas e eu comecei a ver que eu não precisava daquilo pra me sentir uma boa pessoa.

11- ACHA QUE A ASSOCIAÇÃO AJUDOU NESTE RECONHECIMENTO?

Com certeza porque eu entrei de cabeça nesse projeto.

12- A ASSOCIAÇÃO AJUDOU A SUA FAMÍLIA A SE REESTRUTURAR?

Com certeza! Ajudou minha irmã, porque eu não sou casada e não tenho filhos. Ela trabalha e também participa das reuniões. Há aqui muitas coisas boas, como artesanatos, culinária.

13- COMO VÊ AS PESSOAS QUE AINDA HOJE NÃO CONSEGUEM ABANDONAR ESSA VIDA?

Tenho um pouco de dó porque muitas delas apanham, pegam cada cara pinguço. Muitas roubam os clientes, e também muitos depois do programa não querem pagar e ainda batem nelas. Acho que muitas delas ainda fazem isso por não conseguirem arranjar um trabalho... E se trabalham, mas fazem isso, o juízo é de cada uma.

14- QUE TIPO DE TRABALHO REALIZA ATUALMENTE NA ASSOCIAÇÃO?

Limpo, lavo, ajudo no que precisar. É minha felicidade estar aqui!

15- QUE MENSAGEM DEIXA PARA AS PESSOAS QUE NÃO CONHECEM AS DIFICULDADES DESTA VIDA?

Acho que ninguém tem nada a ver com isso... A situação de cada pessoa é que determina o que ela quer pra si e é a vida dela. Ninguém pode julgar o próximo. Cada um sabe onde aperta o sapato. Então que não haja julgamento, mas um acolhimento.

16- QUE MENSAGEM DEIXA PARA AS PESSOAS QUE AINDA ESTÃO NESTA VIDA?

Que saibam o que estão fazendo de suas vidas. Não é fácil estar onde estão, eu sei bem. Conheço muitas meninas que vivem nesta condição. Mas que busquem sempre o

que for melhor para si e tenham consciência que o tempo passa e um dia serão deixadas de lado, porque envelhecemos, né? Então que procurem dar um bom rumo às suas vidas, e que a Associação está de portas abertas!

ENTREVISTA REALIZADA COM EX-PROSTITUTA

1- NOME, IDADE, PROFISSÃO, ONDE MORA

Teressa Bueno, 62 anos, ajudante geral. Bairro do Castanho, Jundiaí.

2- COMO ERA A VIDA FAMILIAR QUANDO CRIANÇA?

Quando eu tinha minha mãe era bom. Não conheci meu pai. Quando eu nasci ele morreu. Era um tempo de chuva e um raio caiu numa árvore, atingindo-o. Então ele morreu. Nós morávamos no bairro do Anhangabaú (Jundiaí) e era tudo mato. Minha mãe faleceu de câncer e eu fiquei com minha irmã. Eu tinha cinco anos e era bom. Daí já começara as dificuldades. Minha irmã tinha sete filhos, meu cunhado não era muito bom. Tive que pedir até esmola para comer. Foi uma infância muito sofrida. Às vezes não tínhamos o que comer e pegávamos até comida do chão, cascas de banana para podermos nos alimentar.

3- COMO FOI QUE ENTROU NESTA VIDA?

Foi como um tipo de exploração feita pelos meninos mais ricos, que se aproveitavam da gente. Como um estupro. Considero-me nesta vida desde os 12 anos de idade. Não ganhávamos nada pra fazer isso. Tínhamos mesmo e éramos obrigadas a estar com esses garotos.

4- QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENCONTROU?

A maior dificuldade que encontro é enfrentar todo tipo de homem. Ali você tem que sair com os feios, com os sujos, com os piores. Pra fazer isso só bebendo pra aguentar. Tem que beber. Quando o homem é limpinho e cheirosinho ainda valia a pena...

5- EM QUE LOCAL “TRABALHAVA”? ERA PARA SI QUE TRABALHAVA OU TRABALHAVA EM CASAS?

Nunca trabalhei em casas de prostituição. Eu trabalhava no JJ (Famoso bar de prostituição de Jundiaí), mas como balconista. Quando tinha uma folguinha eu arriscava um programa, mas eu não tinha tempo por trabalhar. Eu fazia meus programas à parte, na rua. Lá neste bar eu tinha só uma pessoa fixa.

6- COMO ERA FEITO O PAGAMENTO DO PROGRAMA? QUANTO SE COBRAVA?

Era sempre em dinheiro, nunca em favores ou bebidas. Hoje em dia se usa muito esse tipo de trabalho para o uso de drogas.

7- COMO SE SENTIA APÓS FAZER O PROGRAMA?

Eu não achava que era normal. Era por necessidade mesmo, pra ajudar minha família, criar os filhos. O trabalho não dava pra nada. Tinha que complementar. Só estou mesmo nesta vida por causa da desestruturação familiar que eu tive...

8- COMO CONHECEU A PASTORAL DA MULHER E A ASSOCIAÇÃO?

A Cristina eu já conheci do trabalho que ela realizava no JJ. Tinha outra garota, que inclusive já faleceu, essa era terrível! Briguenta que só ela. Aí eu chamava a Cristina para acalmá-la, porque ela era a única que ela obedecia! Eu sempre ia às reuniões, mas comecei a frequentar por uma filha de criação minha, a Rute. Ela disse que na Associação tinha a palavra do Evangelho e eu pensei “É isso aí mesmo que eu preciso.” Eu comecei a trabalhar na casa de uma senhora, mas as quartas-feiras eu tinha que frequentar as reuniões. Era sagrado! Se eu na tivesse na Associação, eu estaria pelo Carandiru afora. De dia eu participava dos cursos oferecidos e de noite eu ia para as reuniões.

9- COMO SE SENTIA NO INÍCIO, AO CHEGAR À ASSOCIAÇÃO?

Me senti muito bem pelo fato de estar com pessoas que eu já conhecia da rua. Não foi um ambiente diferente pra mim. Ao contrário, me senti ainda mais acolhida.

10- QUANDO SE RECONHECEU COMO PESSOA?

A partir do momento das reuniões em que as palavras

11- ACHA QUE A ASSOCIAÇÃO AJUDOU NESTE RECONHECIMENTO?

Se as mulheres quiserem sair, com certeza a Associação ajuda sim. Você entra de um jeito e sai de outro, mas quando a gente quer, quando a gente quer sair da prostituição e se reintegrar na sociedade ela ajuda sim!

12- A ASSOCIAÇÃO AJUDOU A SUA FAMÍLIA A SE REESTRUTURAR?

Com certeza! Com certeza! A Associação me ajudou e ajuda até hoje! Meus netos estudam em escolas particulares conseguidas pela Associação, minha vida depois que saí da prostituição andou mesmo para frente. Se assim não fosse, provavelmente eu estaria na mesma vida de antes. Eu aprendi vários afazeres com os cursos apresentados

aqui, como artesanatos, culinária. Hoje sou uma pessoa muito melhor e totalmente livre da situação que eu vivia, graças à Pastoral da Mulher e a Associação.

13-COMO VÊ AS PESSOAS QUE AINDA HOJE NÃO CONSEGUEM ABANDONAR ESSA VIDA?

Pra maioria falta um pouquinho de vontade, sabe? A maioria usa o dinheiro para usar drogas, e por qualquer dinheirinho se entregam. Falta o FORTALECIMENTO que elas encontrariam se realmente abrissem o coração e freqüentasses a Associação fielmente.

14-QUE TIPO DE TRABALHO REALIZA ATUALMENTE NA ASSOCIAÇÃO?

De tudo um pouco. Faço desde limpeza, atendo telefone, atendo as “meninas” que aparecem durante a semana precisando de ajuda. Sou um faz tudo!

15-QUE MENSAGEM DEIXA PARA AS PESSOAS QUE NÃO CONHECEM AS DIFICULDADES DESTA VIDA?

Que não julguem sem conhecer! É principalmente isso que eu digo: não julgue para não ser julgado. É muito fácil falar. Uma frase que sempre repito é: “O que eu aguentei sorrindo, muitos não aguentariam nem chorando”. É isso.

16-QUE MENSAGEM DEIXA PARA AS PESSOAS QUE AINDA ESTÃO NESTA VIDA?

Que busquem o que é melhor para elas e que esta vida não leva a nada. As pessoas em determinado momento são como que descartadas, já não servem mais para esta vida. Automaticamente se vêem sem chão, sem profissão e sem ninguém por elas. Então que elas analisem o que é melhor e vejam que elas tem valor e um futuro, e que busquem na Pastoral da Mulher e na Associação Maria de Magdala essa ajuda, que com certeza serão bem vindas e muito acolhidas.

ENTREVISTA REALIZADA COM A FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO MARIA DE
MAGDALA

1- NOME, IDADE, FORMAÇÃO, PROFISSÃO

Maria Cristina Castilho de Andrade – 56 anos. Formação: Professora de Português, Inglês e Literaturas com licenciatura plena e extensão universitária em matérias pedagógicas.

Profissionalmente, atuo, desde 2005, na área do segundo setor, como coordenadora dos projetos de investimento socioeducacional da Companhia Saneamento de Jundiaí. A Companhia Saneamento de Jundiaí é uma empresa concessionária que ganhou a concorrência, em 1996, para a construção e operação da Estação de Tratamento de Esgoto de Jundiaí – ETEJ. A Estação está localizada no Jardim Novo Horizonte, antigo Varjão.

2 – COMO COMEÇOU ESTE TRABALHO COM AS MULHERES?

Desde adolescente, tive um chamado a trabalhar com essas mulheres e passei minha juventude procurando uma maneira de ajudá-las de alguma maneira. Numa tarde de outubro de 1982, Dom Roberto Pinarello de Almeida, então atual bispo diocesano, entrando na Catedral Nossa Senhora do Desterro, estendeu seu olhar sobre as praças Governador Pedro de Toledo e Marechal Floriano Peixoto, onde diversas mulheres, em situação de miséria, faziam “trottoir” e pediu-me que pensasse na possibilidade de iniciarmos a Pastoral da Mulher Marginalizada em Jundiaí, confiando-me a missão de organizá-la. E assim se deu o começo deste trabalho.

3 - COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO ÀS MULHERES ASSISTIDAS?

Foi negado, a ela, pela história que tiveram: violência sexual infanto-juvenil, miséria ligada à promiscuidade sexual, a troca do corpo pela droga, a passagem por uma escola que exclui, o direito ao livre arbítrio. Não tiveram a possibilidade de optar. Questionava-me, às vezes, por que minha história foi diferente, sendo filha de família estruturada e muito amada por meus pais e familiares, com a possibilidade de crescer bem, de estudar, de ter emprego com salário digno. Hoje, mesmo que não entenda a razão de minha história ser diferente, tenho convicção de que minha história me compromete a participar da edificação de um mundo melhor para todas as pessoas, no caso, para as prostituídas.

4 - COMO VOCÊ ENCARA A QUESTÃO DA PROSTITUIÇÃO?

A “institucionalização” de que há dois grupos de pessoas, um para ser preservado e outro para saciar taras. Isso é horrível!

5 - QUAL O DIFERENCIAL NESTE PROJETO?

Além da questão socioeducacional, existe a evangelização com o anúncio do verdadeiro Deus, o Deus da Revelação, que é misericordioso e se aproxima do ser humano não para condená-lo, mas sim para reconstruir a sua história.

6 - COMO SÃO ORGANIZADAS AS AÇÕES DO PROJETO?

Ouvindo as mulheres em seus anseios para elas e para os filhos e/ou netos. Logicamente, partimos, também, de uma avaliação da base que elas possuem para crescer e não de utopias.

7 - QUAIS AS MAIORES BARREIRAS ENCONTRADAS?

O preconceito que faz com que os excluídos se calem. Como escreveu frei Antônio Moser, da Editora Vozes: “Só se liberta dos preconceitos quem restitui a voz ao silenciado”. Colaborar em projetos com crianças, idosos, é aplaudido. As pessoas, contudo, têm grande dificuldade em enxergar que também vale a pena investir em mulheres sugadas pelo comércio do sexo.

8 - O APOIO DAS ENTIDADES É IMPORTANTE?

Pela primeira vez, na história da Magdala, estabelecemos parceria com outra entidade. A partir de cinco de outubro, temos como parceiro o Lions Clube Oeste.

9 - QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENCONTRA NOS TRABALHOS REALIZADOS?

Em relação à sociedade, respondi na pergunta “maiores barreiras”, em relação às mulheres: o desânimo, as drogas lícitas e ilícitas, a violência, a dificuldade em trabalhar sentimentos como: mágoa, maledicência, ira etc. Há, ainda, o problema da falta de escolaridade. Além do analfabetismo, não ter bem desenvolvida a coordenação motora.

10 - QUAIS AS AÇÕES QUE JULGA REALMENTE NECESSÁRIAS PARA QUE ESTE TRABALHO CONTINUE DANDO RESULTADOS?

Um número maior de voluntários, tanto para trabalho com as mulheres como com os filhos e/ou netos. O ideal mesmo era uma arrecadação maior por parte da entidade para pagamento de profissionais de algumas áreas.

11- EM UMA LINHA, QUAL O MAIOR GANHO DA ENTIDADE?

Nenhuma das mulheres, ao longo desses anos, ter desistido de viver e de lutar por dias melhores.

II – RELATÓRIO DE ATENDIMENTO 2009



ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS
MARIA DE MAGDALA

ASSOCIAÇÃO “MARIA DE MAGDALA”

C.G.C 01217945/0001-22

Declarada de Utilidade Pública – Lei 4.906/96

Rua Senador Fonseca, 517 – Fone (011) 4522-4970

RELATÓRIO CONCISO – JANEIRO A DEZEMBRO DE 2009

ATIVIDADE	PÚBLICO ALVO	PERIODICIDADE	LOCAL
<i>1. Reuniões de evangelização e de resgate da auto-estima positiva</i>	Assistidas	Semanal = 50 reuniões	<i>Catedral NSD</i>

<i>2. Participação em Celebrações</i>	Assistidas e familiares	Esporádica = 06 Celebrações	<i>Catedral NSD</i>
<i>3. Cursos de: alfabetização, noções de matemática (quatro operações), culinária, cabeleireiro, bordado, crochê, tricô, tapeçaria, customização, pintura em tecido, digitação</i>	Assistidas	Semanal	<i>Magdala</i>
<i>4. Atividades lúdicas e cursos de: reforço escolar (ensino fundamental I e II), informática, cabeleireiro e bordado</i>	Filhos e netos das assistidas	Semanal	<i>Magdala</i>
<i>5. Oficina de Pães, Bolos e Salgadinhos</i>	Assistidas	Duas vezes por semana	<i>Magdala</i>
<i>6. Eventos beneficentes da entidade com participação das assistidas</i>	Comunidade	13 eventos	<i>Magdala, salão da Catedral e Praça Mal. Floriano Peixoto</i>

<i>7. Eventos de confraternização</i>	Assistidas e familiares	03 eventos	<i>Salão da Catedral</i>
<i>8. Passeio</i>	Assistidas e familiares	01 passeio	<i>Parque da Cidade</i>
<i>9. Mulheres atendidas permanentemente</i>		68 mulheres	<i>Magdala/ Catedral</i>
<i>10. Mulheres atendidas esporadicamente, sem os benefícios da entidade, pela falta de frequência</i>		21 mulheres	<i>Magdala/ Catedral</i>
<i>11. Crianças e adolescentes acompanhados</i>	Familiares das assistidas	54 crianças e adolescentes	<i>Magdala/ Catedral</i>
<i>12. Orientações para o empoderamento social como aposentadoria para mulheres carentes, cursos gratuitos do FUNSS, cadastro no PAT, POUPATEMPO etc.</i>	Assistidas	13 orientações	<i>Magdala/ Catedral</i>

<p><i>13. Palestras realizadas para propor ações afirmativas às mulheres no âmbito da sociedade</i></p>	<p>Públicos diversos</p>	<p>06 palestras</p>	<p><i>Locais diversos</i></p>
---	--------------------------	---------------------	-------------------------------

Funcionários: 02.

Voluntários: 19.

Manutenção da entidade: Subvenção municipal, Mitra Diocesana, Catedral NSD, empresários, carnês, particulares, eventos realizados pela entidade.

Outros apoios: Secretaria Municipal de Integração Social, Fundo Social de Solidariedade, Clube Jundiense – Grupo Afeto, Colégio Divino Salvador – Grupo Seiva, Pastoral da Família – coordenação diocesana.

III – PLANO DE TRABALHO 2010



ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS
MARIA DE MAGDALA

ASSOCIAÇÃO “MARIA DE MAGDALA”

CNPJ: 01217945/0001-22

Declarada de Utilidade Pública – Lei 4.906/96

Rua Senador Fonseca, 517 – Fone (011) 4522-4970

PLANO DE TRABALHO - 2010

1. IDENTIFICAÇÃO:

1.1. Localização do Projeto:

Associação “Maria de Magdala”

CNPJ: 01217945/0001-22

Rua Senador Fonseca, 517.

Centro

13201-789 – JUNDIAÍ – SP

Fone: (11) 4522-4970

1.2. Dias e horários de funcionamento da entidade: de segunda a sexta-feira, das 08h00 às 11h00 e das 13h00 às 17h00, podendo ser estendido de acordo com a necessidade.

Obs.: As reuniões acontecem às quartas-feiras, nas salas azul e amarela da Catedral, das 18h30 às 20h30.

1.4. Registro no Conselho Municipal de Assistência Social: 10.059 – válido até abril de 2010.

1.5. Declarada de Utilidade Pública Municipal: Lei 4906 de 25/11/1996

1.6. Público alvo da entidade: prostituídas, ex-prostituídas, mulheres em risco de prostituição e seus familiares.

1.7. Abrangência: municipal.

5. EIXOS TÁTICOS:

- Fim da discriminação, violência e pobreza;
- Respeito, dignidade e igualdade;
- Não à legalização da prostituição;
- Orientação sobre o acesso aos serviços públicos;
- Casa própria, empregabilidade e renda, previdência social;

- Preparação para se inserir no mercado de trabalho.

4. OBJETIVOS:

- Continuidade do trabalho de reinserção social de mulheres pobres atingidas pela prostituição e de investimento em seus filhos e/ou netos - acompanhamento e incentivo ao desenvolvimento escolar -, visando sempre a inclusão social.
- Utilização do que o Município disponibiliza para favorecê-las em sua plena cidadania.
- Enfrentamento da drogadição feminina, em especial aquela associada ou que leva à exploração sexual de meninas e mulheres.
- Ser presença solidária junto à mulher prostituída em bares, boates e locais públicos, incentivando o seu fortalecimento, a fim de que recuperem o direito ao livre arbítrio, que lhes é negado no momento em que são tratadas como objeto de consumo.
- Denunciar todas as formas de negação da vida: violência, lenocínio, tráfico e exploração sexual de crianças e mulheres.
- Fazer parceria com outros grupos e entidades afins.
- Representar e defender perante os poderes constituídos os direitos de cidadania das mulheres prostituídas e ex-prostituídas, quando necessário.
- Oferecer atendimento a mulheres que estejam em risco de prostituição.

- Suscitar relações de gênero que levem a novos comportamentos numa sociedade solidária.

5. METAS:

Atendimento de aproximadamente 75 mulheres permanentemente e acompanhamento de 70 crianças e adolescentes.

6. ATIVIDADES PREVISTAS:

6.1 - Para as mulheres:

- Reuniões semanais com temas ligados à melhoria da auto-estima, orientações em relação à cidadania e conscientização de direitos e deveres.
- Cursos: alfabetização, noções de matemática, cabeleireiro, pedicuro e manicuro, bordado, crochê, tricô, tapeçaria, customização, pintura em tecido, digitação, coral.
- Cozinha semi-industrial: cursos variados de culinária e ampliação, além da comercialização de pães, bolos e salgadinhos, fornecimento de marmitex.

6.2 - Para as crianças e adolescentes (filhos e/ou netos das assistidas):

- Cursos de: reforço escolar, informática e iniciação ao esporte náutico no Parque da Cidade.
- Atividades lúdicas: a partir de 04 anos.

Obs.: As adolescentes poderão, ainda, participar dos cursos de cabeleireiro e artesanato.

6.3 - Outros:

- Organização de eventos para convívio social.
- Cursos do Departamento da Criança e do Adolescente da SEMIS.
- Cursos do Fundo Social de Solidariedade.
- Palestras para as assistidas (temas de interesse das mesmas) e para o diálogo com a sociedade sobre o tema: prostituição: causas e consequências.

7. RESULTADOS PREVISTOS:

7.1. Fortalecimento da mulher com o resgate de sua auto-estima positiva; oportunidade de uma ocupação produtiva sem a mercantilização do corpo, devolvendo, às mulheres a quem foi imposta uma trajetória de vida, o direito ao livre arbítrio; convívio com a sociedade, sendo respeitada e respeitando as diferenças individuais e dentro da perspectiva de direitos e deveres; enfrentamento das adversidades do cotidiano com serenidade e equilíbrio.

7.2 – Preparação da criança e do adolescente, a fim de que: não necessite, para a sobrevivência, adentrar ao submundo da prostituição; consiga se inserir, na época certa, ao mercado de trabalho, possibilitando o exercício de sua profissão, capacitado para isso e com dignidade; tenha a oportunidade de convívio com o

outro, respeitando os valores éticos e morais; reaja contra o uso de drogas lícitas e ilícitas; lide com a sua adolescência com equilíbrio.

7.3 – Ocupação da criança com atividades lúdicas para o seu desenvolvimento social, emocional e da imaginação.

8. RECURSOS HUMANOS:

- 01 funcionária administrativa.
- 01 funcionária para serviços gerais.
- 19 voluntários.

9. VOLUNTÁRIOS TÉCNICOS NAS ÁREAS DE:

9.1. Educação.

9.2. Jornalismo

9.3. Cabeleireiro, pedicuro e manicuro.

9.5. Administração.

10. METODOLOGIA:

10.1 – Reuniões semanais em grupo, com o desenvolvimento de um tema e manifestação das integrantes sobre o mesmo. Na reunião, serão passados os subsídios para o empoderamento social.

10.2 – Reuniões mensais, com as assistidas, de avaliação do trabalho.

10.3 – Palestras e cursos de interesse das assistidas.

10.4 – Aulas semanais e, no caso das crianças e adolescentes, no contraturno.

10.5 - Relatório mensal a respeito do atendimento, participação e frequência dos alunos (assistidas e filhos e/ou netos).

10.6 – Organização dos eventos com a participação das assistidas e seus filhos e/ou netos adolescentes.

11. AVALIAÇÃO:

11.1 - Através do testemunho das assistidas.

11.2 - Na reação aos subsídios que levam ao empoderamento.

11.3 - Na observação da evolução escolar das crianças e adolescentes e analisando suas modificações comportamentais.

11.4 - Nas reuniões de Diretoria, juntamente com os monitores em cada área que atua, onde verificaremos os avanços, as dificuldades e as possíveis soluções.

12. RECURSOS FINANCEIROS PROVENIENTES DE:

12.1 – Subvenção municipal.

12.2 – Doação: Mitra Diocesana, Catedral NSD, empresários e particulares, carnês, eventos.

13. OUTROS APOIOS:

13.1 – Prefeitura do Município (Secretarias Municipais: de Integração Social e Educação e Esportes/ Fundo Social de Solidariedade).

13.2 – Clube Jundiaiense – Grupo Afeto.

13.3 – Colégio Divino Salvador.

Jundiaí, 18 de janeiro de
2010.

Maria Cristina Castilho de Andrade
Presidente da Associação “Maria de
Magdala”

IV– Relatório sobre a quantidade de menores assistidos, suas condições de saúde e as dificuldades escolares que encontram (2007)

Mulheres prostituídas pobres, em sua fase de decadência - diante da dificuldade para sobreviver - no desespero, entregam-se ao uso de drogas lícitas e ilícitas e, muitas vezes, tornam-se moradoras de rua, habitam prédios abandonados, aderem à criminalidade e, ainda, podem buscar o suicídio como alternativa.

Os filhos e netos que, normalmente, não possuem o vínculo paterno, são atingidos pela realidade da mãe e da avó que os cria e empurrados para o submundo.

A inserção social, numa demonstração de que são capazes de construir um caminho com dignidade e vitórias, através da preparação para uma atividade que permita integrar-se ao mercado de trabalho formal ou desenvolver uma atividade produtiva rentável, alterará a perspectiva de vida.

LEVANTAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES até 18/06/2007 (filhos e/ ou netos das assistidas):

Número de crianças cadastradas: 60

Número de adolescentes cadastrados: 28

FAIXA ETÁRIA:

Idade	Número	Idade	Número
0 a 1	08	10	04
02	04	11	03
03	05	12	08

04	03	13	03
05	03	14	06
06	07	15	04
07	07	16	04
08	06	17	03
09	10		

ESCOLARIDADE:

Série	N o	Série	N o
Creche	02	5.^a	06
Grupo 5	04	6.^a	05
Série inicial	01	7.^a	06
1.^a	13	8.^a	06
2.^a	04	1.º Ensino Médio	07
3.^a	08	2.º Ensino Médio	02
4.^a	03	3.º Ensino Médio	01

Obs. (1): Um aluno de 2.^a série aguardando vaga e um adolescente de 15 anos fora da escola.

Obs. (2): Prosseguimos com o cadastro das mulheres, seus filhos e/ou netos.

Obs. (3): Faremos o cadastro de idosos e portadores de deficiência adultos que morem no mesmo local que as mulheres, pensando no atendimento integral à família.

Problemas de saúde: crianças/ adolescentes (informados pela mãe ou avó):	Número:
Bronquite	10
Reações alérgicas	04
Portadores de deficiência	02
Asma	01

Dificuldades na escola (detectadas pela mãe ou avó):	Número:
Desobediência/ rebeldia	23
Expressão verbal, leitura e escrita	13
Dificuldade de raciocínio (matemática)	09
Falta de interesse	03
Relacionamento	02
Agitação/ nervoso	02
Línguas	01

V - FOTOS



Fachada da Associação



Fachada da Associação